

“ Sabemos de Gracinda Candeias que ela nasceu em Angola e logo compreendemos como as viagens transcontinentais são muito importantes na sua carreira. Diverte-me lembrar que vivemos ambos em Luanda, na mesma altura de anos 40, era ela ainda muito menina, não nos conhecemos então...

O nosso primeiro encontro deu-se em Lisboa em 1972, Gracinda Candeias expunha na galeria Buchholz, que Rui Mário Gonçalves, gerantia com a sua direcção – e, a partir daí, temos continuado uma simpática relação de estima e admiração da minha parte.

Nasceu e viveu em Luanda e viajou por muita Angola, e disso trouxe uma consciência especial de espaço – que eu também guardo na lembrança mas exprimo de outro modo, em letras... Quem por lá andou, nunca esquece os espaços africanos!

Por dentro da memória ficam para sempre imagens de grandes planícies, de imensas florestas... À Gracinda estes espaços, deram uma consciência de um viver bem diferente do da Metrópole...

A pintora veio, depois, com 18 anos, para a Escola de Belas Artes do Porto, considerada na altura a melhor do País e, a seguir, para Lisboa, onde ainda hoje trabalha, num *atelier* da Câmara, nos Coruchéus.

No Porto, em 1964, Gracinda deu-se conta de um espaço mais estreito que exige outra aproximação, outro contacto. Nas ruelas da cidade, no jardim de S. Lázaro e em outros lugares simpáticos e depois em Lisboa, a falta de espaço africano foi então compensado com longas viagens...

Gracinda Candeias esteve na Índia nos anos 70, no Brasil anos 80, na China nos anos 90. Infelizmente nunca por lá nos encontramos, por diferenças de tempos e porque, em vez da China, eu estive no Japão...

Gracinda, porém, trabalhou em Macau e ali expôs e também em Pequim. (...)

A pintura de Gracinda transmite aquilo que ela sentiu na China: ali ela percebeu o «ser espaço». Não o conquistou, que esta pintura não tem a ver com o Ocidente, como em Vieira da Silva e tantos outros grandes pintores do nosso tempo. Gracinda ultrapassou isso, tomando o seu caminho como necessidade própria, e, à margem, assumiu e recebeu a sua experiência chinesa – que devemos perceber, através do conceito de tensão entre as duas forças que se verifica na pintura dela.

Eu creio que Gracinda, nas suas várias experiências espaciais, de África e da Europa de Cézanne lhe foi com certeza muito útil, a China, onde finalmente compreendeu para a sua sensibilidade que se trata de «ser espaço» e não de o conquistar.

Recentemente, o filósofo alemão Hertmute Rosa, publicou um livro sobre a «aceleração» na cultura ocidental.

Ele fez-me reflectir melhor sobre um problema que há muito me preocupa, avesso que sou a precipitações em artes, letras ou modas... É um livro muito grave sobre uma bem terrível situação em que nos precipitamos no quotidiano das nossas decisões ou das nossas informações.

Nós que andamos depressa demais, a quereremos saber hoje o que vai acontecer depois de amanhã...

A fazer coisas, quando outras coisas já estamos a pretender fazer!

Ainda bem que as técnicas progridem. A publicidade o afirma e fortunas de várias empresas assim se asseguram, oferecendo-nos satisfação – sem nos dar tempo para reflectir na sua necessidade ou na sua realidade...

Na pintura, na literatura, na arquitectura, ou na música – é isso muito grave! Grave e trágico!

Cerca de 1985 o meu amigo François Mathey, director então do grande Museu de Artes Decorativas de Paris, onde fez uma obra notável e ímpar no seu tempo, em exposições inteligentes e brilhantes, escreveu na introdução de um catálogo que um movimento

artístico durava apenas dezoito meses. Hoje é ainda mais curta a sua vida... Que sentido isso pode ter – senão contra nós próprios?

Assisti ao longo de muitos anos de experiências e práticas de ver, a vários «movimentos» que apareciam e desapareciam na voragem parisiense, senão na nossa modéstia nacional. A meio dos anos 60, estive presente numa famosa sessão em que Yves Klein lançou modelos nus e cobertos de tinta azul contra uma parede para nela deixar suas impressões corpóreas. Foi enorme o sucesso da performance, e o artista acabou por se suicidar, não por causa da pintura (como o grande De Stael) mas por não poder aguentar o ritmo de invenções a que havia de se sujeitar.

E muitos são os artistas que vivem preocupados com o sucesso das modas em que entram, por invenção ou imitação. (...)

Um pintor, um poeta ou um músico não o são quando inventam coisas novas e diferentes para espantar o público e a crítica espantável, para dizer aos outros que são mais modernos em suas urgências. Eles têm de entrar num discurso coerente na sua invenção original (e não repetitiva, decerto, que seria meramente académica), necessária no tempo da sua própria prática. E assim, em suas qualidades eles estarão a fazer história, fugindo da aceleração da nossa vida quotidiana, Gracinda Candeias conheceu (foi capaz de conhecer...) o discurso da água e da montanha, do «Chang» e do «Choi» e exprime-o na sua pintura tão oriental quanto é possível a uma ocidental. Ela entendeu aquilo que pôde entender, nas vivências espaciais que tem tido e pelo que fez e está fazendo, é uma pintora original que tem lugar na história que, daqui a vinte, trinta ou cinquenta anos, se venha a fazer, da arte portuguesa, tal como a creio e espero.”

José-Augusto França